

prevenção

MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO ADEREM AO TABAGISMO, QUE AUMENTA O RISCO DE DESENVOLVIMENTO DE CÂNCER DE MAMA, ÚTERO E OVÁRIO.

Maria fumaça

Chefe de família, baixa renda e escolaridade reduzida. Esse é o perfil da mulher fumante no Brasil. Estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Nacional de Câncer (INCA) apontam que, nos últimos 20 anos, a redução do tabagismo tem sido menor entre as mulheres do que entre os homens. Segundo as Pesquisas de Nutrição e Alimentação realizadas em 1989 e 2009, neste período mais homens deixaram de fumar. Em 1989, o Brasil concentrava 30 milhões de fumantes. Destes, 40,3% eram homens e 26% mulheres. Em 2009, o ín-

dice de fumantes brasileiros foi reduzido para 25 milhões de pessoas: 21% homens e 13,1% mulheres.

Os resultados são confirmados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2008) do IBGE e pela Pesquisa Especial de Tabagismo (Petab 2008), desenvolvida com base na PNAD 2008, em parceria com o INCA. Os inquiridos associam a persistência do tabagismo entre as mulheres ao novo papel que elas desempenham na sociedade. Valéria Cunha, chefe da Divisão de Controle do Tabagismo do INCA, avalia que os resultados são relevantes porque abordam, pela primeira vez no Brasil, os fatores sócioeconômicos relacionados ao tabagismo.

“As mulheres tornaram-se chefes de família, acumularam dupla ou tripla jornada, sobretudo nas famílias de baixas renda e escolaridade”, avalia. “Ao tomar o papel do homem, elas aderiram também ao tabagismo, um hábito tradicionalmente masculino. As mulheres começaram a fumar depois dos homens e estão abandonando o tabagismo depois deles também”, Valéria resume. A feminilização do tabagismo é uma tendência global. O aumento no número de mulheres fumantes em todo o mundo motivou o lançamento do *Global Tobacco Surveillance System*, sistema de vigilância antitabagista liderado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) que integra 14 países – entre eles o Brasil.



O sistema investiga fatores como o conhecimento das populações sobre os males associados ao tabaco, os índices de cessação de tabagismo e a prevalência do problema entre homens e mulheres. O estudo registra maior prevalência do tabagismo entre homens nos países orientais, o que reforça a tendência apontada pela PNAD 2008 sobre a relação entre o fumar e o novo papel da mulher na sociedade brasileira. “Para muitas mulheres, a conquista de um símbolo que antes pertencia exclusivamente ao universo masculino é uma vitória – o que dificulta a interrupção do hábito. Nos países orientais, em que a mulher ainda exerce papel coadjuvante na sociedade, essa tendência não é encontrada”, observa Liz Almeida, chefe da Divisão de Epidemiologia do INCA.

Entre homens e mulheres, o tabagismo gera o risco de desenvolvimento de 50 doenças crônicas, muitas vezes fatais – como câncer de pulmão, infarto, bronquite e doenças cardiovasculares. O problema é ainda mais grave entre as mulheres, que estão expostas também aos riscos específicos do gênero. “Mulheres que fumam dois maços de cigarros por dia têm 20 vezes mais chances de desenvolver câncer de pulmão que as não fumantes”, destaca Valéria. Outros tumores também estão associados ao hábito de fumar.

Estudos recentes relacionam o tabagismo ao desenvolvimento de câncer de colo do útero – sobretudo em mulheres que apresentam lesão por HPV. “Não há dúvidas quanto ao aumento do risco de câncer de útero e ovário entre as mulheres fumantes”, afirma Valéria. A pesquisadora explica que a relação entre o tabagismo e a ocorrência de câncer de mama é epidemiológica. “Até pouco tempo atrás, o tabagismo não era considerado um fator de risco para o câncer de mama, mas, nos últimos anos, alguns estudos têm mostrado que a doença está relacionada ao cigarro, sobretudo entre as mulheres”, garante a pesquisadora.

Um fator que potencializa os riscos do tabagismo entre as mulheres é a administração de anticoncepcionais orais. “O uso do anticoncepcional oral aumenta o risco para doenças cardiovasculares e problemas cardíacos. O cigarro provoca os mesmos efeitos. Portanto, a combinação dos dois fatores expõe a mulher a um duplo risco”, explica Valéria. Estudos internacionais demonstram que entre as mulheres que usam contraceptivos orais as que também fumam têm risco até dez vezes maior de sofrer tromboflebite, acidente vascular cerebral, infarto e embolia pulmonar.

“A nicotina aumenta o ritmo do batimento cardíaco da mãe e do bebê e é transmitida à criança por meio da amamentação. Por isso, é aconselhável que a mulher pare imediatamente de fumar ao descobrir que está grávida.”

VALÉRIA CUNHA, chefe da Divisão de Controle do Tabagismo do INCA

Entre as mulheres, o tabagismo também é relacionado a problemas no ciclo menstrual, menopausa precoce e infertilidade. Durante a gravidez, o tabagismo pode provocar hemorragias e até o parto prematuro. “O monóxido de carbono reduz a concentração de oxigênio no sangue, prejudicando o desenvolvimento saudável do feto. A nicotina aumenta o ritmo do batimento cardíaco da mãe e do bebê e é transmitida à criança por meio da amamentação. Por isso, é aconselhável que a mulher pare imediatamente de fumar ao descobrir que está grávida e que não retome o hábito após o nascimento do bebê”, Valéria recomenda.

Para a epidemiologista Liz Almeida, a fase da gestação é estratégica para o tratamento antitabagista entre as mulheres. Segundo a pesquisadora, na faixa etária entre 15 e 24 anos o índice de cessação do tabagismo é maior entre as mulheres. Liz associa essa tendência ao casamento e à gravidez – eventos comuns nesta época da vida. “Isso é um avanço, pois mostra que a mulher está agindo racionalmente. Se ela percebe os efeitos nocivos do tabagismo sobre a gravidez, provavelmente entende também todos os riscos para o desenvolvimento da criança. E essa percepção pode ser ampliada, proibindo o uso de produtos do tabaco dentro de casa, inclusive pelo companheiro”, aposta.

NOVAS ESTRATÉGIAS PARA A PREVENÇÃO

Para responder ao investimento da indústria tabagista em estratégias de marketing direcionadas às mulheres, as iniciativas para prevenção, controle

e tratamento do tabagismo também têm ajustado o foco de suas ações ao público feminino. Um exemplo é a escolha da abordagem de gênero como tema das campanhas do Dia Mundial sem Tabaco (31 de maio) e do Dia Nacional de Combate ao Fumo (29 de agosto). Entre as abordagens da indústria do tabaco direcionadas para as mulheres estão a associação de produtos como bolsas e batons à compra do cigarro, a produção de embalagens em formato de perfume, a promoção de eventos voltados para o público feminino e a criação de mitos como: “fumar emagrece” e “fumar é chique”.

Liz aponta que a análise da PNAD 2008 pela ótica da política antitabagista resultou na elaboração de uma estratégia mais segmentada para as campanhas contra o tabaco. “As campanhas devem ser elaboradas a partir da mesma lógica da publicidade e do marketing. É preciso segmentar o público, escolher as mídias apropriadas, testar as campanhas e selecionar os métodos mais eficazes”, indica a epidemiologista.

A pesquisadora ressalta que uma estratégia eficiente para combater o tabagismo é alardear os efeitos do fumo em curto prazo. “Câncer de pulmão e doenças crônicas da terceira idade estão muito distantes dos jovens. Para sensibilizá-los, é preciso trabalhar com o imediatismo”, afirma. “Para o público feminino, a questão estética é fundamental. Foi construído o mito que fumar é charmoso e emagrece e informações como a deterioração da pele e dos dentes foram camufladas por este engodo. É preciso dar publicidade a estes aspectos”, Liz ressalta.

A experiência de outros países incluídos no inquérito da OMS destaca duas estratégias bem sucedidas para o controle do tabagismo: a defesa de ambientes livres do tabaco, já adotada pelo Brasil, e o aumento do preço dos produtos tabagistas, por meio de impostos. “Um maço de cigarros brasileiro custa, em média, R\$ 2,50, o que facilita o acesso da população ao tabaco”, afirma Liz Almeida.

Para entender melhor a relação entre as mulheres e o cigarro, estudo pioneiro do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), realizado em parceria com o INCA, aprofunda o significado do ato de fumar na vida das mulheres de uma comunidade de baixa renda do Rio de Janeiro. A iniciativa capacita mulheres fumantes e ex-fumantes do Complexo de Manguinhos para atuar no controle do tabagismo

a partir do enfoque de gênero. “O trabalho propõe uma percepção ampla do tabagismo, entendendo o problema como um importante alicerce na vida das mulheres submetidas a situações tão adversas, como pobreza e violência”, afirma a psicóloga Regina Simões Barbosa, pesquisadora da UFRJ e que coordena o estudo.

Regina explica que a dinâmica proporciona a extensão do programa de atenção à saúde da mulher às comunidades. “O foco da iniciativa é a saúde integral da mulher e o tabagismo é um de seus aspectos. Ao abordá-lo, as agentes comunitárias de saúde também podem colaborar para a realização do exame ginecológico preventivo, consultas médicas e até para a prevenção da violência doméstica”, descreve. Para ela, trabalhar com pessoas da comunidade é essencial, pois gera credibilidade junto às moradoras. “As agentes comunitárias compartilham as mesmas dificuldades, dúvidas e anseios e, uma vez capacitadas, são o melhor canal de comunicação com a população de sua comunidade”, conclui a pesquisadora. |



No verso do maço de cigarros, imagem de advertência alerta para os efeitos do tabaco sobre a pele.